

O IMPARCIAL

Florianopolis, 3 de Maio de 1916.

N. 11

ANNO I

ORGÃO INDEPENDENTE.—Estado de Santa Catharina.—PUBLICAÇÃO QUINZENAL.

Expediente d' "O IMPARCIAL"

Redactor—A. C. Gonçalves

— Assinaturas —

Anno. 2\$500

Semestre. 1\$500

Numero avulso . . . \$100

Toda correspondencia para este jornal deverá ser endereçada á Redacção do Imparcial.—Posta Restante.—Florianopolis.

Pro-patria

III.

O temor infundado, o receio estúpido, mais o conceito errâneo que se tem e se faz, sobre a «Caserna», desaparecem ao primeiro dislumbre dessas grandes e irreluctaveis verdades, que ressaltam logo, quando se estuda a grande e palpitante questão, sob o ponto de vista pratico.

Esses que, n'uns longos e estirados artigos de fundo, escrevem, a seu ver, o modo mais franco e aceitavel, para a solução de tão magno problema, deixando-se apaixonadamente elevar por sentimentos que lhes não dicta a consciencia, em vez de solucionar, criam embargos á causa, confundindo sobremodo os conceitos que se possam a respeito formar.

D'ahi as discussões, a luta aberta e as desintelligencias que vem corroborar para a criação de partidos pro e contra a tão fallada e discutida lei do serviço obrigatorio.

Ha quem, chorando sempiternamente umas *lagrimas douradas* como as do poeta, queira prestar um grande auxilio á

patria; e então, n'uns sonetos melosos, appella para os braços dessas mães que choram a perda d'um filho que se foi alistar nas fileiras do Exercito.

Ah, pauperrima imaginação... não te faltam a ti, oh intelligencia de *sonhador precoce* ideias mais substanciosas que essas, para definir coisas tão graves ?!

E pensas, alma egoista de poeta parvo, que ao desferir tão sentimental cantico, vaes incutir no espirito popular, e principalmente no seio das mães, um inveterado odio á tarda?

Enganas-te; esse *systema*, sobre ser ridiculo, não é mais para este seculo, embora mesmo o sentimentalismo ande a marejar de lagrimas os olhos sempre chorosos de certas almas cujas fibras se dilatam ao menor verso rimado com tristeza

Esses substantivos funébrs, esses adjectivos lacrimosos, ficam só nos livros e jornaes, e não têm como, no tempo de nossos bisavós, o dom de *enternecer*; que isso de um soneto ou uma pagina de romance lazer chorar ficou e passou com o tempo dos duellos . . . E' que hoje um joven imberbe e uma donzella timida leem essas cousas, e isso não lhes infiltra n'alma a menor sensação . . .

Um outro e terceiro *systema* de ataque á solução do problema é esse popular e publico . . . os *meetings*. Parece que, até agora, ainda ninguem se lembrou de tal. Tempo virá, porém que teremos de ouvir oradores logosos e ardentes a bravejarem contra *essa lei constitucional* com que se pretende, mais ainda, amordaçar o brasileiro; pois, os oradores de

meetings, aqui neste Brazil typico, originalissimo, neste Brazil *suis generis*, tem esse habito . . .

Vão ás praças gritarem contra as *oppressões* e não lembram-se que só o facto d'elles, oradores, estarem ali a berrarem pela liberdade já é uma das maiores liberdades . . .

Mas se, até aqui, ainda os *miliqueiros* (neologismo impio, sem baptismo) não entraram em campo, é porque não sabem para que lado pende a balança da opinião publica; e a opinião publica no paiz é contra ou a favor do serviço militar obrigatorio?

Eis um ponto para o futuro artigo.

Mas, não devemos, antes de tudo confundir *sorteio militar* com o serviço militar obrigatorio.

Veremos...

Léo.

3 DE MAIO

Grande dia para a historia de nossa amada Patria!

Surge-nos na memoria o resultado daquella feliz viagem «por mares nunca d'antes navegados»—o descobrimento deste gigante terrestre que se estende no continente americano.

A historia regista-o.

E nós, os filhos do Brazil, devemos cital-o com prazer, sem esquecer o destemido nauta portuguez—Pedro Alvares Cabral, o glorioso descobridor.

A Portugal, devemos nós os brasileiros esse feito de coragem, que nos deu tão rica, tão formosa, tão extensa Patria!

A Terra de Vera Cruz, sem-

pre grata, sempre justiceira e fiel, jámais deixará aprofundar-se nas negruras do ingrato esquecimento a grandeza e a heroicidade do famoso navegador, do grande almirante descobridor de terras estranhas, e o feliz dia em que as exclamações: *Terra! Terra!*, se fizeram ouvir a bordo dos gloriosos navios veleiros, após longos mezes em que já se tinham por perdidos os tripulantes.

O Brazil saberá guardal-as na sua historia, que já se acha coberta de loiros, ternamente, como as tem guardado de ha quatro seculos.

O dia 3 de Maio não só ao Brazil vem lembrar o grandioso descobrimento das suas terras; mas, tambem, Portugal nesse dia se enche de orgulho, ao lembrar-se de que o heroe que deu causa ás festas de 3 de Maio é seu filho

E Portugal e Brazil, unidos, esquecidos das discordias d'outr'ora, fazem'achuar no Universo um hymno de gloria ao intemerato nauta que foi Pedro Alvares Cabral, que figura, brilhantemente, ao lado dos maiores da historia.

Gustavo NEVES.

Odysseá de um cachimbo

Dois dedos de prosa, para o album de Amphilouquio de Carvalho Gonçalves.

N'UMA risonha manhã de Abr l, indo eu visitar um dos mais sinceros amigos dos saudosos tempos escolares, tive a satisfação de conhecer o velho Alexandre, creatura boa e amavel que residia n'um pittoresco sitiosinho. Curvado embora pelo pezo de oitenta invernias, estava sempre alegre e julgava-se muito feliz.

Sentamo-nos debaixo de frondosa arvore, onde usufruimos o frescôr dessa encantadora manhã, formosas donzellas da visinhança. Conversamos amavel-

mente sobre a vida pacata e feliz da gente dos arredores; sobre a vida maritima, e o velho Alexandre dava de vez em quando a sua opinião abalissada sobre o assumpto da palestra.

Maria, a mais velha de suas sobrinhas, fitava-me sempre ri-

sonha. Si-bem que as suas maneiras gentis demonstrassem a perfertibilidade de sua educação, senti-me verdadeiramente acabrunhado e, olhando em torno de minhas vestes, disse commigo:—E' impossivel, não sou o causador de tamanha graça...

IGNOTAE DIAE

I

Havemos de morrer, eis a verdade,
Eis a verdade que nos entristece...
Ah, se pudesses e eu tambem pudesse
Gosar a vida toda a eternidade...

Havemos de morrer; porém, quem ha-de
Primeiro, as mãos no peito, em muda
[prece,
Ir á roidão onde o prazer fenece,
Ir ao paiz do luto e da saudade?!..

Eu ou tu? Se for eu, no meu jazigo
A extincta vida, o teu amor lembrando,
Sem que tu saibas, sonharei contigo...

Então, liberta, perfida, inconstante,
O meu amor esquecerás gosando
Um novo amor nos braços de outro
[amante!..

II

Talvez eu vá primeiro, mas escuto
A voz sinistra de um presentimento
Como a dizer que o teu fallecimento
Não tarda a encher-me o coração de luto...

E não duvido que da morte o astuto
Dedo consiga, em breve, o iniquo intento,
Fechando os olhos que me dão alento,
Teus olhos glaucos cuja luz perscruto...

E o que será de mim, amor, se tores
Primeiro, morta em um caixão doirado,
Num turbilhão de lagrimas e flores?!..

Oh! meu delirio!.. Oh, minha desven-
[tura!..

Eu morrerei amaldiçoando o Fado
Beijando a cruz da tua sepultura!..

Archimimo Tapagesse

De facto, ella mesma era incapaz de escarnecer-me.

Continuava risonha porque o velho Alexandre puchára o cachimbo do bolso do paletot, pois nutria grande desejo de apreciar a palestra pitando no seu rico cachimbo, mas, a aragem fagueira do sul, obstava-lhe o intento, apagando continuamente os phosphoros. Já tinha gasto quasi uma caixa, quando o cachimbo começou a fumar deixando vêr-se subir, em aspiraes, uma fumaça negra, como a das chaminés dos barcos a vapor.

Maria mais do que depressa sahio de perto de seu tio, vindo sentar-se ao meu lado. Extranei esse procedimento e perguntei-lhe qual a razão que motivara aquella resolução. Ella corou e respondeu-me baixinho:—...«E' que o cachimbo do tio Alexandre tem um cheiro que embriaga, um aroma insupportavel.» Verdadeiramente eu tambem senti-me embriagado pelo forte acido do fumo, mas, tive que supportar por muitos minutos.

—A senhora, por ventura, não aprecia os fumantes? perguntei-lhe.

—Confesso-lhe: Não aprecio, respondeu a donzella decididamente.

—E' porque nunca viu fumar um delicioso cigarro, caprichosamente manipulado por mãos sinhas gentis... E puchando a carteira do bolso do frack, fumei um sabotoso cigarro. Ella, sentindo-se dominada pelo dulçuroso e leviano aroma exclamou sorrindo:—Perfeitamente, o seu cigarro tem o aroma suave das flores.

Fomos percorrer todos os recantos do bello sitio.

O velho Alexandre esqueceu o seu cachimbo, e Maria disse-me que deviamos escondel-o, obrigando assim ao velho a habituar-se a fumar cigarros.

Discordei da idéa da donzella dizendo-lhe: «A velhice tem todos os direitos sobre a mocidade, devemos respeitá-la; sejam como a mocidade da an-

tiga Grecia.» E a donzella, fingindo não ouvir as minhas palavras, escondeu a preciosa reliquia.

A' tardinha deparou-se-me o velho, triste, melancolico, sentado no tronco de uma velha arvore.

—Porque estás triste, meu bom velho?

Elle, então, e entre soluços, contou-me a historia d'aquelle saudoso cachimbo. «Era de remotos tempos. Tinha-o presenteadido sua saudosa mãe quando elle completára vinte e uma primaveras. Foi dahi então sempre o seu companheiro inseparavel. Nas horas de tristeza, em que elle distante de sua patria idolatrada, no bravo oceano, onde só divisava-se o céu azul que nelle se retractava, era o cachimbo quem lhe fazia esquecer as maguas do seu coração. Fumando, elle buscava allivio á dor cruel da Saudade. Quando abandonou a vida maritima e casouse, constituindo grande prole, o cachimbo foi sempre o encanto de seus filhos. Quando esses viam-lhe triste a scismar, iam buscar o cachimbo afim de encher-lhe o coração de alegrias. O cachimbo era, pois, uma particula do seu coração.»

Senti-me triste ao ver o velho Alexandre contar a historia do seu cachimbo e fui mais do que depressa relatar tudo á sua sobrinha Maria.

Ella então, lacrimosa, foi buscá-lo. Faltava-lhe o fumo. Desmarchei uns cigarros e enchi o cachimbo com fumo aromatico e fomos levá-lo ao bom velho. Elle, saltitante de alegria, nos abraçou e começou a fumar novamente no seu inseparavel cachimbo, e a fumaça parecia a leviana fumaça dos ricos turybulos e tinha um aroma mais doce, mais suave.

Fpolis. Abril.

Idesonso JUVENAL.

Leiam—O IMPARCIAL

O Imparcial

O proximo numero d'«O Imparcial» será publicado a 13 do corrente e achar-se-á á venda na Engraxataria do sr. João de Mattos, sita á rua João Pinto n. 14

A MORTE

(Para o album de J. O. Barboza)

Que é a Morte?

Um monstro? Não; é um anjo.

E' um anjo que nos conduz da terra dos sonhos ás regiões da realidade; do mundo das dores, do mundo das angustias, ao mundo da liberdade, ao mundo dos verdadeiros prazeres. E' um anjo que nos transporta, do mundo das felicidades ephemeras, ao mundo das felicidades eternas!...

Tal é a Morte.

Nós os homens, porém, pensamos peder encontrar a felicidade no lodçal do mundo, e, para isso, trabalhamos; enteramo-nos, cada vez mais, nas miserias terrenas, em busca do ouro, em busca da felicidade que ambicionamos.

E eis-nos, enfrentando o proximo para que nos não furte o que esperamos alcançar; e eis-nos trahindo-o, destruindo-lhe a quietude, a paz, pondo-lhe no lar a desgraça, a miseria a ruina, a bem de que possamos possuir a riqueza que nos dará o prazer na vida!...

E quando estamos certos de que somos felizes, de que possuímos o que tanto ambicionamos.. ah!... chega a Morte, a mensageira impia da desillusão...

E' nós somos arrebatados ao ouro de que eramos possuidor!..

E eis porque tememos a Morte! E eis porque fazemol-a um monstro, um phantasma, em vez de a considerarmos, por via de muitas razões, um anjo, uma mensageira de paz.

Emfim, não é ella mesma a causadora das dores e da desgraça de tanta gente? Não é ella mesma quem arrebatata aos

braços maternos, o filho querido; a estima da esposa, o esposo amado; e, também, aos filhos inexperientes, o carinho e amparo dos paes?...
E, assim, porque devemos-a estimar, desejar?

Entretanto, ninguém se lhe poderá oppor. Ella é poderosissima, e o homem é vencido, humilhado.

Oh! Quão terrível é a Morte, quão ingrata, quão cega, quão inimiga da felicidade humana!...

E a Morte fica sendo um monstro.

Ah!... Si comprehendessemos a vida e as suas illusões... Si pudessemos vencer a negra nuvem da nossa ignorancia... Ah!... então a Morte deixaria de ser para nós um phantasma.

Mas não estão longe, talvez, os tempos em que saberemos abandonar, sem custo e sem temór, este reino das paixões, na hora em que tivermos de entregar o nosso corpo á terra que este calcára orgulhosamente, na hora em que nos for dado cantar como o Camões de Garret:

"Terra da minha patria! abre-me o seio
Na morte ao menos. Breve espaço occupa
O cadaver dum filho. E eu fui teu filho...
Em que te hei desmet'cido, ó patria minha?
Não foi meu braço aos campos das batalhas
Segar-te louros? Meus sonoros hymnos,
Não voaram por ti á eternidade?
E tu, mãe descaroavel, me engeitaste!
Ingrata... Oh! não te chamarei ingrata;
Sou filho teu: meus ossos cobre ao menos,
Terra da minha patria, abre-me o seio.."

Gustavo Neves

RINK CATHARINENSE

Por absoluta falta de espaço deixamos de publicar um artigo sobre a aviltante resolução do sr. Julio Toldo, em relação aos homens de cor e ás praças de pret. Nesse artigo, que será publicado a 13 do corrente, o illustre sr. Guilherme Chaplin, campeão de patinação e que é um dos culpados pela medida tomada pelo proprietario do Rink, terá occasião de ler algumas verdades em resposta ao juizo que faz do nosso redactor.

Perdão

A quem me roubou a paz

Se Jesus perdoou a Magdalena,
Todo o peccado atroz que commetteu;
Se deu Jesus, cheio de dor e pena,
Consolo e paz a quem por si soffreu;

Se perdoava, a rir, aos peccadores,
E terno alento dava aos tristes seres,
Se transformava as lagrimas em flores,
E transformava as dores em prazeres;

Se deu Jesus, p'ra toda a humanidade,
O beijo do perdão bem venturoso,
Dando aos afflictos terna suavidade,

Perdoo-te tambem oh! alma louca,
Pedindo a Deus, Clemente e Poderoso.
Com o mel do Perdão ungir-te a bocca!...

Fpolis 19—4 916.

Nicolau N. Nahas.

JOGO.—O sr. José Maria da Luz, conceituado negociante morador no lugar denominado José Mendes, garantiu-nos não ter fundamento a local que, sob a epigraphe «Jogo», foi publicada no ultimo numero d'este jornal.

A respeito vamos solicitar esclarecimentos ao nosso informante e voltaremos ao assumpto se preciso for.

Centro Civico e Litterario

Continuam activamente os trabalhos de organização do patriótico «Centro Civico e Litterario», recentemente fundado nesta capital.

Estão encarregados da elaboração dos estatutos os srs. Barreiros Filho, Tancredo Costa e o redactor d'esta folha.

Logo que o governo do Estado forneça ao Centro o material escolar, terão inicio as aulas nocturnas.

Breve realizar-se-ão na séde

da sociedade conferencias que versarão sobre assumptos de alta importancia.

Aos moços do Centro felicitamos pelo bom acolhimento que teve sua nobre iniciativa.

A INTERNACIONAL

Sabemos que a directoria da mutua predial paulista «A Internacional» resolveu pagar ao Sr. João Besen, residente em Biguassú, o peculio de dez contos de réis, que lhe coube no sorteio realisado no dia 20 de Março ultimo.

Informam-nos que a demora que houve nesse pagamento foi motivada pelo extravio de um documento d'aqui enviado á séde da sociedade.

Aos nossos amigos Srs. Elycio Simões, agente geral, e Vasco Gondim, agente fiscal d'«A Internacional», felicitamos pela satisfactoria solução d'este caso para o que empregaram todos os esforços.